

MUSEU VICTOR MEIRELLES: ESTUDO SOBRE O CICLO DA INFORMAÇÃO À LUZ DOS PROCESSOS INFORMACIONAIS E COMUNICACIONAIS

VICTOR MEIRELLES MUSEUM: A STUDY OF THE INFORMATION CYCLE IN THE LIGHT OF INFORMATIONAL AND COMMUNICATION PROCESSES

William Adão Ferreira Paiva ⁱ

Renata Cardozo Padilha ⁱⁱ

Resumo: No tocante as instituições culturais, a exemplo dos museus, existe uma articulação entre a salvaguarda dos acervos e a memória coletiva presente na sociedade, propiciando que a informação envolta nesses espaços viabilize a partilha de conhecimentos e aprendizados por meio dos objetos. Para que isto ocorra, é necessário conhecer a historicidade desses patrimônios, considerando também as relações com a cultura e com os aspectos sociais, informacionais e comunicacionais de seus bens, sejam eles históricos, artísticos e/ou culturais. Dessa maneira entende-se que os processos informacionais e comunicacionais não são inertes, já que há um constante movimento em torno deste próprio fazer no âmbito museal. Sendo assim, esta pesquisa visa analisar as confluências entre os processos do Museu Victor Meirelles e as etapas do Ciclo da Informação, que envolve a produção, o registro, a aquisição, a representação, a disseminação e a assimilação. Utilizou-se como metodologia a pesquisa exploratória, descritiva e de abordagem qualitativa, com o devido subsídio da pesquisa bibliográfica e documental ao estudo. Pode-se compreender os objetos do museu enquanto parte constituinte do universo da cultura, uma vez que se materializam por meio de significados, relações sociais e culturais assim como por valores e funções que exercem neste espaço. Ao articular as etapas do Ciclo com os processos relacionados à informação e comunicação no Museu Victor Meirelles, constata-se a relevância dos contextos socioculturais e sócio-históricos ligado aos objetos, uma vez que agregam, expandem, promovem e favorecem o diálogo dos públicos na instituição de forma perene.

Palavras-chave: Museu Victor Meirelles; Ciclo da informação; Processo de musealização.

Abstract: With regard to cultural institutions, such as museums, there is a link between the preservation of collections and the collective memory present in society, enabling the information contained in these spaces to facilitate the sharing of knowledge and learning

through objects. For this to occur, it is necessary to understand the historicity of these heritage sites, also considering their relationship with culture and the social, informational, and communicational aspects of their assets, whether historical, artistic, and/or cultural. In this way, it is understood that informational and communicational processes are not inert, since there is constant movement around this very activity in the museum environment. Thus, this research aims to analyze the confluences between the processes of the Victor Meirelles Museum and the stages of the Information Cycle, which involves production, recording, acquisition, representation, dissemination, and assimilation. The methodology used was exploratory, descriptive, and qualitative research, with the necessary support from bibliographic and documentary research for the study. Museum objects can be understood as part of the cultural universe, since they are materialized through meanings, social and cultural relationships, as well as the values and functions they perform in this space. By articulating the stages of the Cycle with the processes related to information and communication at the Victor Meirelles Museum, we can see the relevance of the sociocultural and socio-historical contexts linked to the objects, since they add to, expand, promote, and encourage dialogue among the public at the institution in a lasting way.

Keywords: Victor Meirelles Museum; Information cycle; Musealization process.

1. INTRODUÇÃO

Compreende-se que a informação carrega consigo um potente valor, sendo necessário fazer sua exploração a partir dos aspectos que a envolvem. Acerca disso, Fernandes (1991, p. 165) ressalta que “em sentido popular, entende-se como informação todo o esclarecimento que se possa dar a qualquer pessoa sobre o que ela indaga”. Já Maimone (2007, p. 27) revela que “a informação se torna valor quando fidedignamente representada, efemeramente recuperada e convenientemente assimilada”. Nas ideias trazidas por esta pesquisa, percebe-se que esse valor da informação está ligado à cultura e ao meio social, pois o seu acesso, uso e compartilhamento possibilitará que a maioria das pessoas tenha contato com os acervos de uma instituição, por exemplo.

De acordo com McGarry (1999, p. 11) “[...] a informação deve ser ordenada, estruturada ou contida de alguma forma, senão permanecerá amorfa e inutilizável”, já que deve fazer sentido para quem a utiliza. Pelo fato dela fazer parte de um contexto, seu valor também levará em conta a própria dinamicidade do ambiente, ao passo que a informação é considerada como um bem abstrato e intangível (Moresi, 2000).

Nos museus é possível identificar inúmeros artefatos culturais, que apresentam uma gama de subjetividades, de historicidades e sobremaneira de sociabilidades (sendo estas individuais e coletivas), que fazem referência a esses “lugares de memória”, como são

considerados os espaços museológicos, dotados de valor enquanto patrimônios. Dessa forma, o acesso à informação sobre os objetos museológicos pode ocorrer de diversos modos, a saber, por meio de uma visita in loco à instituição, em um tour virtual pelo sítio eletrônico do museu, através de exposições e práticas de mediação, bem como pelo contato com os acervos culturais no repositório digital. Nesse viés Desvallées e Mairesse (2013, p. 69) ressaltam que “o objeto do museu é feito para ser mostrado, com toda a variedade de conotações que lhe estão intrinsecamente associadas, uma vez que podemos mostrar para emocionar, distrair ou instruir”.

No momento que o objeto é adquirido pelo museu, é interpretado, registrado, organizado e devidamente acondicionado, sendo então incorporado ao acervo, já que detém consigo um valor informacional enquanto documento, considerando as ações relativas ao processo de musealização que o legitimaram para tal. Ele é único em seu contexto, pois está imbricado por diversas funções, sentidos e objetivos. Na instituição, esse objeto será ressignificado por intermédio das informações intrínsecas/extrínsecas que apresenta (funções e sentidos), para que, assim, seja devidamente comunicado e preservado, servindo ainda como aporte às pesquisas enquanto um objeto museológico dotado de novos conhecimentos (Ferrez, 1994).

Por consequência, no museu ele não será somente uma representação física relacionada à memória, visto que terá a principal função de fornecer indícios sobre o passado em comunicação com o tempo vigente, sendo considerado também como uma potente fonte de informação em decorrência de sua “carga de valores simbólicos e os funcionais que lhe dão sentido segundo determinada instituição museológica” (Ceravolo, 2023, p. 71-72).

Nesta seara a presente pesquisa visa analisar as confluências entre os processos do Museu Victor Meirelles e as etapas do Ciclo da Informação, que envolve a produção, o registro, a aquisição, a representação, a disseminação e a assimilação. Salienta-se que o referido Ciclo está posto na obra “Tesauro: linguagem de representação da memória documentária” e foi organizado pela professora e pesquisadora Vera Lúcia Doyle Louzada de Mattos Dodebei¹,

¹ Atua como professora titular da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). É doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre em Ciência da Informação pela UFRJ e bacharela em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade de Santa Úrsula (USU). Também é Líder do Grupo de Pesquisa do CNPq “Memória Social, Tecnologia e Informação”. Informações extraídas de seu Currículo Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1112112146102164>. Acesso em: 05 fev. 2025.

sendo ela uma referência nos estudos sobre Patrimônios Culturais Nacionais nas Artes, tanto na Literatura como na Ciência da Informação.

No referido livro, a autora busca enfatizar uma necessidade de Organização da Informação, com o propósito de socialização e geração de conhecimento. Ela utiliza como aporte as linguagens documentárias enquanto um instrumento formal de reconstrução ao texto, visando assim uma recuperação mais assertiva da informação.

2. ASPECTOS HISTÓRICOS SOBRE A CASA NATAL E MUSEU VICTOR MEIRELLES

No que tange à Casa Natal de Victor Meirelles de Lima, acentua-se que a edificação é um sobrado no estilo oitocentista luso-brasileiro, uma vez que suas características dizem respeito à arquitetura colonial do século XVIII, com localização no centro histórico de Florianópolis-SC. Sua construção remonta a meados do século XVIII e início do século XIX, época em que fez parte do núcleo principal da Cidade a Igreja Matriz, a Casa da Câmara, o Palácio do Governo, o Quartel da Polícia e ainda o Mercado (Franz, 2014; Vogel, 2002). Relacionado às particularidades desse tipo de construção, Vasconcelos (2023, p. 193) frisa “elementos típicos como ausência de recuo na calçada, coberturas com telhas cerâmicas do tipo capa e canal, beirais em beira-seveira e paredes de pedra, tijolo e estuque”.

Sublinha-se que as habitações eram, em sua maioria, casas com um só pavimento já que existiam os sobrados pertencentes aos comerciantes e funcionários do governo (nos séculos XVIII e XIX) com até dois pavimentos. Eles serviam tanto para as atividades ligadas ao comércio no andar térreo quanto para moradia familiar no andar superior (Vogel, 2002). Relativo a esse tipo de padrão na época, Veiga (2008, p. 190) enfatiza que “os sobrados tinham por finalidade conjugar o binômio moradia-comércio num só edifício, numa época em que não havia meios de transporte que possibilitassem um deslocamento rápido e eficiente entre a habitação e o ponto de negócios”. Após ter sido utilizada pela família de Victor Meirelles, a edificação também teve outras finalidades, como moradia de um professor, um bar e um restaurante chamado “Oriente” no século XX (Paiva; Padilha, 2022).

No dia 30 de janeiro de 1950 a Casa foi tombada como Patrimônio Histórico Nacional e passou a sediar o “Museu Victor Meirelles” cuja inauguração se deu em 15 de novembro de 1952, logo após algumas reformas executadas no próprio ano de 1952. Acerca dessa

inauguração, Franz (2001, p. 33) menciona que “os jornais locais da época, *O Estado*, *A Verdade*, *Diário da Tarde* e *A Gazeta*, publicaram a notícia da inauguração com grande alarido”.

Já em âmbito municipal, a edificação também foi tombada pela Prefeitura de Florianópolis no ano de 1986, por intermédio do Decreto n. 270/86, de 30 de dezembro de 1986², que trata dos conjuntos de edificações existentes na área urbana central de Florianópolis. Destaca-se que o Decreto n. 521/89 de 21 de setembro de 1989³ classificou esse mesmo conjunto de prédios, com base em uma categorização de preservação (como sendo P1, P2 e P3) relativa à importância histórica, arquitetônica, artística ou cultural. Dessa maneira, a Casa Natal foi classificada na categoria P1, o que indica a sua total conservação em decorrência do excepcional valor que possui.

A Casa Natal de Victor Meirelles é um bem cultural reconhecido, uma vez que apresenta seu registro junto à Lista dos Bens Culturais inscritos nos Livros do Tombo (1938-2012)⁴ e está vinculada ao Instituto Brasileiro de Museus (ligado ao Ministério da Cultura⁵ - MinC, República Federativa do Brasil, 2025). A edificação apresenta sua inscrição no Livro do Tombo Histórico (N. inscr.: 264; Vol. 1; F. 045; Data: 30/01/1950) do IPHAN, como “Casa à Rua Saldanha Marinho, n. 3, onde nasceu Victor Meirelles” e com o nome atribuído de “Casa de Victor Meirelles”, uma vez que exprime ainda outras denominações, por exemplo “Museu Casa Natal de Victor Meirelles, na rua Victor Meirelles, n. 59”. É importante ressaltar que se considera esta Casa Natal como um Monumento, visto que este mesmo livro do tomo faz menção às coisas de Interesse Histórico e também às Obras de Arte Histórica. Referente à constituição do seu acervo, ela se dá inicialmente pelas obras do artista advindas do Museu Nacional de Belas Artes em forma de doação, cessão, comodato e transferência, visto que lá já existiam muitos estudos realizados em papel, aquarela, guache e também em óleo sobre tela (Turazzi, 2009). No mais, as obras do Museu Victor Meirelles se dividem em duas coleções: a “Coleção Victor Meirelles”, que

² Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/f/florianopolis/decreto/1986/27/270/decreto-n-270-1986-tomba-como-patrimonio-historico-e-artistico-do-municipio-conjuntos-de-edificacoes-existent-na-area-central-do-territorio-municipal>. Acesso em: 05 fev. 2025.

³ Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sc/f/florianopolis/decreto/1989/53/521/decreto-n-521-1989-classifica-por-criterios-diferenciados-de-valor-historico-artistico-e-arquitetonico-os-predios-integrantes-dos-conjuntos-historicos-tombados-pelo-decreto-n-270-86>. Acesso em: 05 fev. 2025.

⁴ Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/guia%20de%20bens%20tombados%20atualizado%20em%202012.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2025.

⁵ Segundo o art. 2.º, Anexo I do Decreto n. 11.336, de 1.º de janeiro de 2023, o MinC passou a abarcar o IBRAM em sua estrutura organizacional como sendo uma autarquia. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=01/01/2023&jornal=701&pagina=89>. Acesso em: 05 fev. 2025.

compreende as obras de arte de sua autoria, assim como de alguns de seus professores e alunos, e, ainda, a “Coleção XX/XXI”, com enfoque na arte moderna e contemporânea dos séculos XX/XXI. De acordo com Vasconcelos (2023, p. 198), “o acervo museológico do MVM é composto pelas coleções Victor Meirelles e XX/XXI, e engloba atualmente 259 obras”.

O museu tem por finalidade a preservação, a pesquisa bem como a divulgação da vida e obra do artista catarinense, focalizando sua relevância nos campos histórico, artístico e cultural. Igualmente busca estimular a reflexão da arte e da realidade social, explorando, provocando e difundindo suas manifestações culturais (Moraes, 2009).

3. O CICLO DA INFORMAÇÃO FRENTE AOS PROCESSOS INFORMACIONAIS E COMUNICACIONAIS DO MUSEU

A informação, compreendida enquanto um produto sociocultural, necessita estar registrada e institucionalizada de forma a permitir sua organização, preservação, permanência e acessibilidade ao longo do tempo. Em paralelo, a informação estabelece uma relação de sentido, considerando o objeto e o próprio olhar mediante um ponto de vista, na intenção de representar, reescrever e adaptar as formas de comunicação. Ela é “um conhecimento inscrito (gravado) sob a forma escrita (impressa ou numérica), oral ou audiovisual. A informação comporta um elemento de sentido. É um significado transmitido a um ser consciente por meio de uma mensagem [...]” (Le Coadic, 1996, p. 5).

Em meio a esse panorama, a produção de conhecimento necessita estar em consonância com as particularidades de cada ambiente, já que há uma heterogeneidade de espaços que atuam com a informação. Segundo aponta Gomes (2020, p. 9) “[...] a informação caracteriza-se como subsidiária do pensar e das ações instituintes de novos conhecimentos e saberes”. Já para Almeida Júnior (2015, p. 12) “a informação vai se construindo, se impregnando de intenções, interesses, desejos, valores. Ela carrega embates, lutas por poder, por dominação, por imposições de conceitos, verdades”.

Tendo por base as perspectivas já apresentadas e que são análogas à informação, é meritório abordar o Ciclo da Informação proposto por Dodebei (2002), ao qual possui relação com o universo da informação e do documento. A autora realça a dimensão cíclica da informação, sendo esta composta por diversas etapas e disponibilizada através de um modelo, que apresenta um caráter sistêmico.

As etapas do referido Ciclo da Informação buscam a compreensão sobre os “processos criados pela produção, acumulação e uso de conhecimentos e os produtos gerados em suas várias formas representacionais” (Dodebei, 2002, p. 23). A autora aborda o Ciclo da Informação como um processo de “transferência da informação, que reduz a realidade da representação do conhecimento a seis etapas: produção, registro, aquisição, organização, disseminação e assimilação” (Dodebei, 2002, p. 24).

Para contextualizá-lo, há duas dimensões que envolvem cada universo, levando em conta as etapas referentes à produção de conhecimentos, registro e assimilação (universo da informação) bem como a seleção/aquisição, representação e disseminação da informação (universo do documento). No primeiro universo (parte superior do Ciclo na Figura 1) existe uma independência sobre as etapas inferiores, que possibilita a análise e disseminação dos novos conhecimentos. O campo de estudo que o envolve possui caráter interdisciplinar, considerando os fundamentos da informação, da comunicação e da sociologia.

Já no segundo universo (parte inferior do Ciclo) não há independência, sendo necessária a completude das outras seis etapas relativas ao Ciclo de vida da informação. Na etapa associada à organização da memória documentária, seus estudos terão como fundamento as teorias, como sendo a da classificação, do conceito e da comunicação. A integralidade do Ciclo ocorrerá por meio da conversão da informação em conhecimento, promovendo a apreensão e o desenvolvimento da comunicação diante dos novos conhecimentos, retroalimentando o processo de maneira constante.

A Figura 1 a seguir representa graficamente o referido Ciclo.

Figura 1 – Ciclo da Informação (universo da informação e do documento)



Fonte: Dodebei (2002, p. 25)

Enfatiza-se também que no Ciclo as trocas de informação se dão em três etapas (produção, registro e assimilação). Na produção, o conhecimento tende a ser especializado e complexo; no registro, leva-se em conta a diversidade de suportes e formatos; na assimilação, considera-se a percepção e a contextualização da informação, propiciando a geração de novos conhecimentos. No subconjunto do Ciclo referente à memória documentária, a etapa de seleção/aquisição se fundamenta na composição dos acervos e memórias, tendo em vista a necessidade e oferta da informação.

Já os processos informacionais (representação da informação e do conhecimento) que englobam os objetos (aquilo que se quer representar) e suas propriedades (entendidas como as características desses objetos) ocorrem nessa etapa dedicada à organização da memória documentária, estando imbricadas com a Filosofia da Linguagem no tocante à construção de conhecimentos e atribuição de significados pelas experiências. O atributo denominado de “memória” no Ciclo visa tipificar o processo de acumulação, no que tange aos registros sobre o conhecimento das instituições que preservam a memória, sendo então materializados por meio dos documentos (Dodebei, 2009).

Associado à Descrição dos objetos, nos museus ela é captada pelo conhecimento das informações intrínsecas e extrínsecas, visto que para Padilha (2014, p. 41) a descrição intrínseca tem por foco as “informações físicas do objeto, como, por exemplo, dimensão, material, marcas, entre outros” e a descrição extrínseca trata sobre “as informações que contextualizam o objeto sobre os aspectos históricos e simbólicos” (Padilha, 2014, p. 53). De modo geral, essas

informações são responsáveis por apresentar o objeto diante da instituição, ressaltando a importância do contexto sócio-histórico e comunicacional pelo qual passou, tendo em vista o processo de Musealização juntamente com os novos significados que o tornam um documento no museu (Padilha, 2021).

A Musealização envolve uma gama de ações, as quais objetivam comunicar, preservar e pesquisar as informações relativas ao bem cultural musealizado. Conforme apontado por Desvallées e Mairesse (2013, p. 57), a musealização “é a operação de extração, física e conceitual, de uma coisa de seu meio natural ou cultural de origem, conferindo a ela um estatuto museal [...]”, o que o transforma em objeto de museu. Para isso, é necessário considerar a valoração desse mesmo objeto na sociedade, levando em conta os diversos sentidos, significados, bem como o aspecto sociocultural que carrega consigo. Nessa vertente, Cândido (2006, p. 41) afirma que “a vida dos objetos está intimamente ligada ao trabalho humano, revelando usos, costumes, técnicas, práticas e valores de diferentes épocas e culturas”, o que propicia a esse objeto reverberar no museu toda a sua simbologia cultural por intermédio das evidências materiais e/ou imateriais.

Para Rússio (1981), o processo de musealização é parte integrante da preservação e da comunicação, já que o objeto museológico evoca uma potencialidade sobre o testemunho que representa. Para isso leva-se em conta o caráter educativo que esse mesmo objeto apresenta, no momento em que estiver devidamente preservado no espaço do museu. Dessa forma, Cury (2005, p. 25) reitera a importância do contexto de preservação dos objetos, afirmando que se deve então “preservar para ensinar, preservar para comunicar”. Ao adentrar a instituição, o objeto passa por uma seleção em que nela é considerado seu valor documental, sua significância, assim como as referências culturais e informacionais a ele atribuídas ao longo da sua existência, para que então venha a se tornar parte do acervo e/ou coleção (como sendo um objeto de museu), já que continuará a receber uma carga valorativa atribuída pela sua história.

Assim, a musealização ocorre quando há uma separação/um deslocamento do contexto original do objeto, passando a representar, essencialmente, uma dada realidade para além daquela criada, na qual abarca uma privação sobre as suas funções e uso. Segundo Cury (1999, p. 52) “[...] musealizar significa a ação consciente de preservação, a consciência de que certos aspectos do mundo devem ser mantidos pelos seus valores”, visto que envolve um processo bastante complexo para tal finalidade. No que diz respeito a essa questão de valor e que também envolve um público, Loureiro (2012, p. 209) afirma que os “objetos são musealizados

por seu valor atribuído, estão repletos de valores humanos e por isso pressupõem necessariamente um público”.

Em relação ao objeto museológico e sua representação em substituição da realidade (ressignificação e recontextualização de sentidos), ressalta-se também que o processo de musealização está ligado à transformação desse objeto em musealia (termo cunhado por Zbyněk Zbyslav Stránský, na década de 1970), modificando assim seu estatuto por meio dos atributos adquiridos na ambiência do museu. O objeto de museu no seio de uma exposição, por exemplo, necessita ser observado de maneira objetiva, mesmo sabendo que pode haver outras interpretações subjetivas acerca dele. Por isso, é vital compreendermos o sentido da musealia, pois “aquilo que nos é apresentado não pertence à vida, mas ao mundo fechado dos objetos” (Desvallées; Mairesse, 2013, p. 70) diante de uma nova realidade social, com valores culturais e simbólicos diversos.

Em consonância com Britto (2023, p. 13), a musealização “[...] efetua o itinerário do museável para o musealizado, tornando-se uma forma singular de transformar o objeto”. Dessa maneira, salienta-se que o processo de musealização pode assegurar um testemunho, registro ou fenômeno autênticos ao objeto, refletindo sua nova realidade cultural que será diferente daquela rodeada em sua origem. De acordo com Loureiro (2012, p. 205), os objetos “passam a significar e a conferir sentido a diferentes experiências e se desprendem de uma realidade imediata para remeter e evocar realidades ausentes”, reelaborando assim uma narrativa da própria realidade por meio dos processos de resignificação.

A musealização dos objetos torna-se um processo com elevada profundidade, em detrimento das ações museológicas e suas diversas etapas relacionadas com a aquisição, a pesquisa, a conservação, a documentação, e, ainda, a comunicação (Cury, 2005). Em razão dos vestígios preservados na musealização, o objeto é valorado nesse processo de enquadramento como algo fidedigno a uma realidade. Segundo Rússio (1984, p. 61), “quando nós musealizamos objetos, ou seja, quando recolhemos objetos como testemunhos, nós os musealizamos porque eles são testemunhos, são documentos e têm fidelidade”, considerando a própria realidade social na qual os objetos estão inseridos.

Levando em conta as interligações com o universo e os contextos da informação, é salutar compreender a maneira com que os objetos nos museus, haja vista o caráter informacional dos bens, englobam o processo de Documentação Museológica. Ela se caracteriza como um conjunto de informações ordenadas sobre os objetos museais, pois sua interpretação

se dá tanto pela escrita quanto por meio das imagens. Igualmente ela é considerada como um sistema de recuperação da informação, uma vez que utiliza essas fontes de informação como aportes à pesquisa e ao conhecimento (Ferrez, 1994). Para Padilha (2021, p. 129) “a documentação é um processo de organização que estipula técnicas que visam à recuperação, acesso e uso da informação contida nos objetos museológicos-documentos”. Além do mais, a documentação objetiva organizar e representar o conhecimento e a informação sobre o acervo da instituição, contribuindo assim na recuperação dessa informação pelos públicos do museu.

Contudo é basilar que a linguagem seja considerada neste processo de recuperação, pois a adoção de um vocabulário controlado se torna essencial ao usuário no momento da pesquisa, pelo fato de ofertar subsídios para que a comunicação e a interpretação sejam ainda mais eficazes. Smit (1986, p. 45) reafirma essa questão ao apontar que “a essência da documentação é uma questão de linguagem, portanto: traduz-se o conteúdo dos documentos em palavras, recupera-se os documentos através de palavras”.

O processo de documentação precisa ocorrer de forma contínua nos museus, tendo em vista sua dinamicidade acerca da contextualização das informações nos acervos em relação à coleta, seleção, produção, pesquisa, exposição, recuperação, comunicação e preservação, levando em conta também seus diferentes fins institucionais, curatoriais, técnicos e administrativos, assim como os tipos de público a que se destina, pois “ao se falar de documentação em museus é imperativo pensar em continuidades e mudanças” (Ceravolo, 2023, p. 72).

Nos museus, a Curadoria é percebida como um conjunto de operações que estão entrelaçadas por intenções, reflexões e sobretudo pelo resultado das ações, cujo compromisso permeia identificar, interpretar e ressignificar o sentido atribuído aos acervos e coleções. Também concebe desenvolver procedimentos de salvaguarda, comunicação, preservação, extroversão e educação, considerando as necessidades da sociedade em relação aos processos curatoriais no contemporâneo (Bruno, 2008).

As atividades articuladas com o processo curatorial (coleta, documentação, pesquisa, conservação e comunicação) não são isoladas da cadeia operatória dos procedimentos técnicos e/ou científicos, tampouco realizadas de forma individual e sequencial no âmbito institucional. Nesse sentido, as ações museológicas é que dão a base necessária a essa fruição, compreendendo ainda a consolidação da comunicação, a extroversão e a educação relativa aos

bens patrimoniais do museu, essencialmente ligadas à concepção/produção das exposições e das ações educativas/culturais nos acervos.

A Curadoria, por se tratar de uma ação que detém um compromisso coletivo, de caráter interdisciplinar e multiprofissional, visa problematizar os diversos sentidos incorporados aos objetos, legitimando, potencializando, ampliando e reconhecendo sua evolução cultural ao longo do tempo, produzindo também outras análises e diálogos entre o Museu e a Sociedade no que concerne à produção de novos conhecimentos.

Nesse horizonte, a usabilidade dos bens musealizados pertencentes ao acervo são passíveis, a todo momento, de diversas (re)interpretações, considerando seu próprio contexto sociocultural. Eles não devem ser entendidos apenas como um produto, como algo finalizado em si mesmo, mas, sim, como um processo em constante evolução e busca na construção do conhecimento intermediado pelo museu. Em alusão a isso, Gonçalves (2001, p. 263) ressalta que “os objetos adquirem valor pelas mãos do conhecimento [...]. O objeto existe enquanto um elemento a ser preservado quando lhe é imputado um valor histórico, artístico e cultural”, ressaltando ainda mais seus diversos significados.

É importante frisar que a documentação museológica abarca consigo elementos pertencentes a uma realidade social, que muitas vezes refletem as escolhas técnicas dos profissionais que estão à frente das instituições. A informação produzida sobre essa documentação demanda certa prioridade entre as demais atividades, não devendo então ser colocada como algo à parte ou ser tratada de maneira inferior em relação às demandas do cotidiano. Pelo fato de tratar dos usos sociais dos objetos, carece de ser (re)construída e (re)visitada habitualmente não somente pela equipe do Museu, mas também pelos cidadãos e por toda a sociedade interessada de fato. Conforme acentuado por Panisset (2012, p. 13):

A documentação possibilita a compreensão, o monitoramento e a manutenção dos bens culturais, atuando nos processos de conservação antes, durante e depois. É somente a partir de uma documentação exaustiva e coerente que podemos assegurar o rigor e precisão na tomada de decisão para a salvaguarda desses bens. Uma documentação bem empreendida permite uma melhor compreensão do valor econômico, histórico, científico, estético e social de um bem cultural.

Em conformidade com Loureiro (2008, p. 30), a ação de documentar envolve “[...] integrar em conjuntos significativos as tradições, diferenças e dispersões que caracterizam as ciências, saberes e discursos contemporâneos em benefício dos mais diferentes grupos sociais”, ofertando assim informações cuja relação esteja pautada na preservação do patrimônio. Já Smit (1986, p. 11) reforça que “[...] a documentação tem por objetivo reunir todas as informações

úteis em um assunto, e organizar aquilo tudo de tal forma que seja possível achar a informação certa no momento certo [...]”, otimizando o tempo de resposta nas ações de pesquisa e colaborando com a organização orgânica do acervo, de modo que as informações não fiquem dispersas, isoladas e sem sentido na instituição.

Segundo Camargo-Moro (1986, p. 238), a documentação do museu envolve o “1) Processo de organização dos diversos elementos de identificação do acervo. 2) conjunto de conhecimentos e técnicas que têm por fim a pesquisa, reunião, descrição, produção e utilização dos documentos sobre as coleções”, tendo em vista seu caráter sistêmico diante da coleta, produção e registro das informações sobre os acervos. A autora também realça que a documentação identifica diversos elementos, os quais são responsáveis pela decodificação dos objetos nas coleções.

Nesse contexto, a primeira etapa se concentra na Decodificação Básica, na qual ocorre a identificação do objeto em meio ao Inventário (atividades relacionadas a identificação, classificação e registro). Já a segunda etapa engloba a Decodificação de Profundidade, em que ocorre a elaboração da Ficha de Catalogação e a formação do Catálogo geral relacionado aos objetos.

Para Camargo-Moro (1986, p. 79), a ação de Catalogar é “o ato de identificar e relacionar bens culturais [...]” e no que tange à Ficha de Catalogação, a autora a define como sendo “qualquer ficha relativa à ordenação, análise ou classificação de peças de um acervo” (Camargo-Moro, 1986, p. 79). Frisa-se ainda que a Ficha de Catalogação é um instrumento de suma importância nos museus, sendo responsável por agrupar e representar as informações que fundamentam o objeto enquanto documento (Bottallo, 2010).

A documentação museológica detém uma importância e um compromisso social na instituição, sendo que ela não deve ser entendida somente como um ato administrativo em cumprimento de uma finalidade, mas sim como essencial aos processos que envolvem a lógica da comunicação e seus contextos, considerando a ação de “documentar como ponto crucial da função social e comunicativa” (Ceravolo, 2023, p. 35). Sua realização precisa fazer conexões com os conceitos adotados e também com as metodologias utilizadas, de forma a contemplar elementos, lugares, histórias e demais dimensões que envolvem esse objeto dentro e fora do Museu.

Dessa forma, a documentação é “um sistema de recuperação de informação capaz de transformar [...] as coleções dos museus de fontes de informações em fontes de pesquisa

científica ou em instrumentos de transmissão de conhecimento” (Ferrez, 1994, p. 65). Yassuda (2009) reitera a importância da documentação museológica no campo referente à comunicação, pesquisa e preservação, ao abordar que ela:

[...] representa um dos aspectos da gestão dos museus destinada ao tratamento da informação em todos os âmbitos, desde a entrada do objeto no museu até a exposição. Neste processo estão envolvidas tarefas direcionadas à coleta, armazenamento, tratamento, organização, disseminação e recuperação da informação. Considerando os documentos como registros da atividade humana, a documentação serve como instrumento de comunicação e preservação da informação no âmbito da memória social e da pesquisa científica (Yassuda, 2009, p. 22).

No que se refere aos acervos dos museus, cabe destacar que a sua gestão se torna substancial no processo de registro das informações, visto que isso impacta a forma pela qual os dados dos objetos, tanto intrínsecos quanto extrínsecos, são organizados e representados. Assim, a gestão de acervos se integra ao conhecimento ofertado pela documentação museológica, uma vez que esta “tem que se vista de forma estendida, tanto como registro, fonte de informação, mas sobretudo como principal instrumento de preservação das coleções” (Louvisi, 2014, p. 68).

A gestão propicia o acesso mais assertivo das informações, de modo a auxiliar na recuperação dos objetos do Museu, sendo utilizado também como aporte para tal diversos instrumentos e sistemas de informatização. Conforme apontado por Padilha (2014, p.23), “três elementos estão inter-relacionados com a gestão de acervo: o seu registro; a sua preservação e o seu acesso controlado”, possibilitando que essa tríade seja então pensada e praticada de forma estratégica nos museus.

Para que haja uma gestão de acervos eficiente, é necessária a criação de uma Política de Gestão de Acervos na instituição, tendo em vista o gerenciamento das atividades que envolvem as formas de aquisição dos objetos, a sua proteção, assim como a própria utilização e descarte dos acervos. Essa política necessita corroborar com a missão e os objetivos institucionais, evidenciando ainda as formas como o acervo será disponibilizado, pesquisado, salvaguardado e preservado em longo prazo (Padilha, 2014). Por esse viés, Bottallo (2010) sustenta que:

Uma Política de Gestão de Acervos deve esclarecer pontos fundamentais sobre o tratamento das coleções desde formas de uso (estudo, exposição, empréstimos institucionais, por exemplo), até o estabelecimento de uma Política de Aquisição que contemple as principais orientações sobre formas de aquisição e tipologia museológica que deve ser incorporada ao museu (Bottallo, 2010, p. 53).

Embora a documentação detenha uma relevância nos museus, muitas vezes o trabalho de documentar acaba sendo invisibilizado pelo fato de não ser prioritário. Em razão disso, essa atividade pode ser vista e tratada como algo secundário em relação a outras ações/atividades do museu que apresentam maior visibilidade (por exemplo, as exposições e as ações educativas). Ferrez (1994) enfatiza essa ideia sobre o próprio trabalho prático dos museus, ressaltando a carência no trato com a documentação, no tocante aos acervos e às formas de recuperação da informação.

As razões para esse cenário advêm de muitos fatores, considerando aqui as diversas realidades vivenciadas pelas instituições, tais como a falta de recursos (humanos e financeiros), de investimentos ligados ao universo da cultura e das próprias condições de trabalho dos profissionais. A documentação precisa, essencialmente, ser compreendida enquanto uma ferramenta em potencial, alinhada com as ações de conservação, preservação e salvaguarda dos acervos e não somente como um simples registro, utilizado apenas para localizar as informações.

4. ANÁLISE DAS ETAPAS QUE PERMEIAM O CICLO DA INFORMAÇÃO

Acentua-se que as etapas do Ciclo da Informação propiciam uma apreensão relacionada ao conhecimento, visto que produzem, registram, assimilam, selecionam, representam e também disseminam a informação (cujo propósito reflete na sua organização e representação). No presente estudo, observou-se as interligações entre os processos museais e o contexto relativo à informação das obras (intrínsecas e extrínsecas), considerando ainda os conceitos e os instrumentos utilizados pelo museu. Tendo por base a dimensão cíclica e sistêmica da informação, é necessário compreender as ligações advindas tanto dos processos quanto dos produtos que são gerados.

Nesta perspectiva utilizou-se as informações extrínsecas das obras artístico-pictóricas do Museu Victor Meirelles (objeto de análise e pesquisa) com indicação, destaque e especificação de cada etapa que integra o Ciclo da Informação (Dodebei, 2002).

Dessa forma, a Figura 2 a seguir expõe visualmente esta sequência de ações.

Figura 2 – A informação extrínseca e sua centralidade no Ciclo



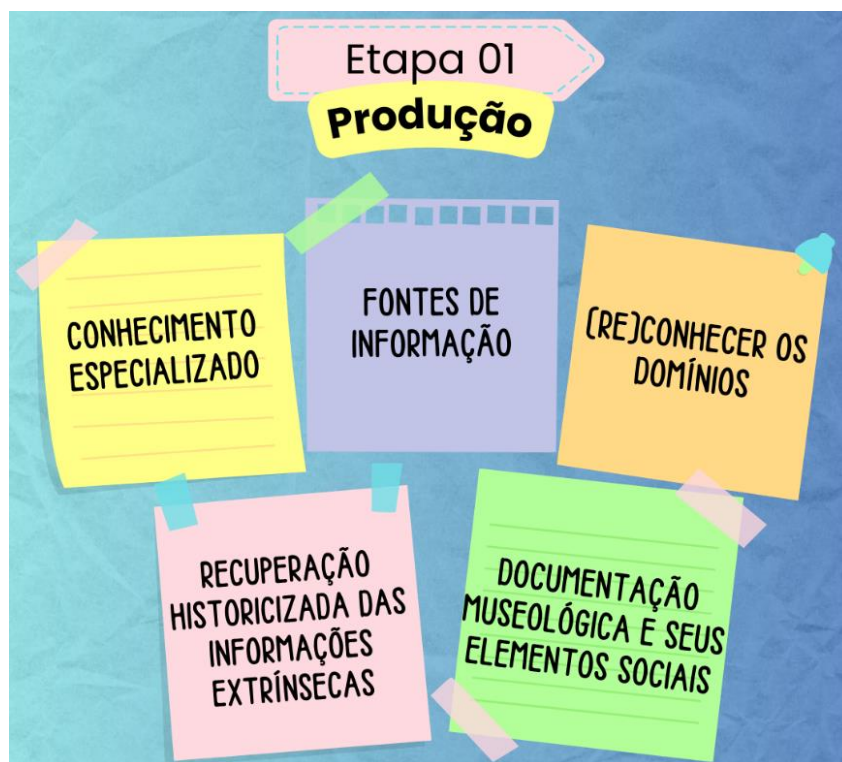
Adaptado de Dodebei (2002, p. 25)

Na etapa 01 (Produção), o conhecimento ofertado pelas informações tem um caráter mais especializado, utilizando principalmente o aporte de diversas fontes de informação, a depender da área de conhecimento na qual o assunto e/ou a temática está vinculado. Referente a um assunto ligado ao campo das Artes, será preciso (re)conhecer os domínios que estão em seu entorno, de modo que esse conhecimento seja então construído com base nessa especialidade (Lima, 2000; Dodebei, 2009; Maimone, 2020).

A informação extrínseca dos objetos no museu deve retratar essa recuperação da informação historicizada, com o apoio da Documentação Museológica e seus elementos sociais, responsáveis por refletir uma dada realidade bem como um contexto de enquadramento comunicacional.

A Figura 3 a seguir expressa a ligação entre as informações extrínsecas e a etapa de produção no Ciclo.

Figura 3 – Produção no Ciclo da Informação (Etapa 01)



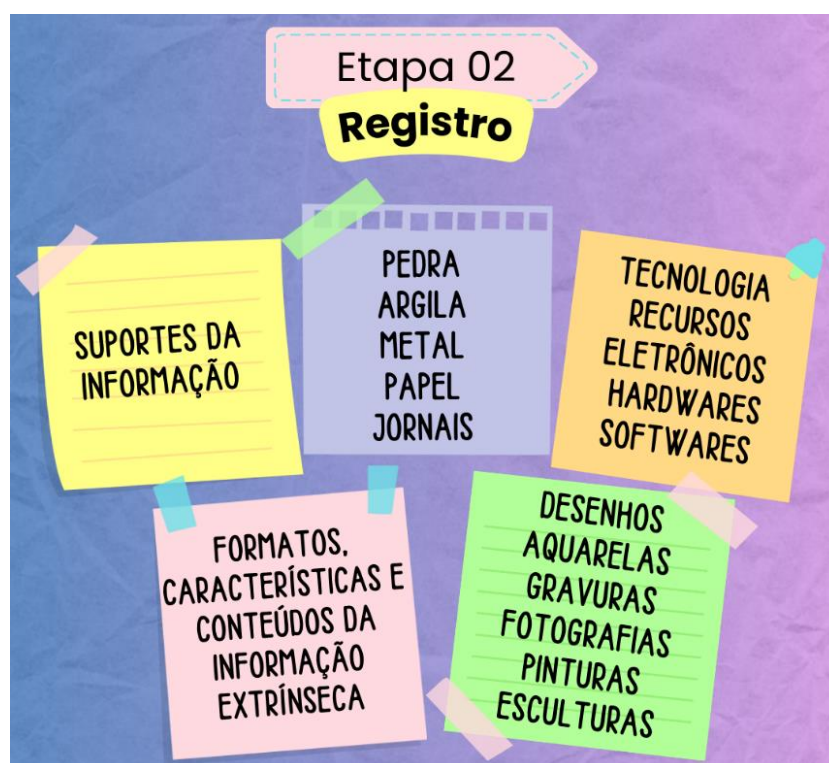
Elaborado pelo autor (2025)

A etapa 02 (Registro) denota uma relação com o suporte (no qual a informação está registrada) e seus respectivos formatos (tendo em vista as características físicas de apresentação da informação e de seu conteúdo). Os objetos de uma instituição cultural, como no caso dos museus, apresentam diversos suportes de informação, como por exemplo a pedra, a argila, o metal, o papiro, o papel, os jornais e também de recursos eletrônicos, como a utilização de hardwares, softwares e da própria tecnologia (Castro, 1999; Ceravolo; Tálamo, 2007; Pinheiro, 2008; Bottallo, 2010; Desvallées; Mairesse, 2013; Maimone, 2020).

Já os formatos da informação podem ser associados aos desenhos, as aquarelas, as ilustrações, as gravuras, as fotografias, as pinturas e as esculturas. A informação extrínseca, correspondente a cada obra de arte, irá partir desse registro e levará em consideração o suporte e o formato desse objeto no Museu.

A Figura 4 a seguir denota as correlações existentes entre as informações extrínsecas e seus suportes/formatos.

Figura 4 – Registro no Ciclo da Informação (Etapa 02)



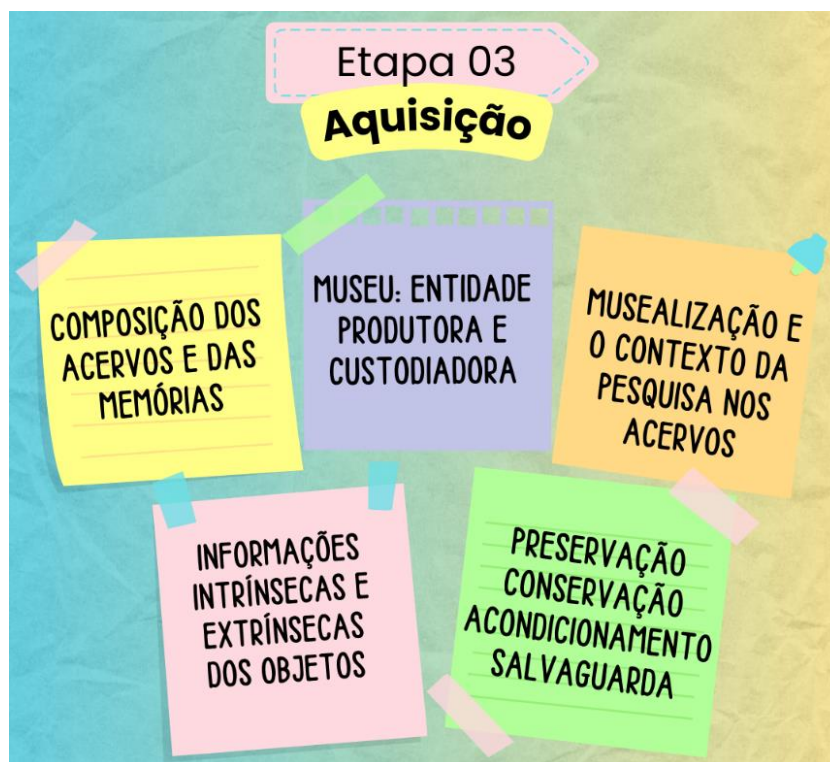
Elaborado pelo autor (2025)

Na etapa 03 (Aquisição), reflete-se a maneira como se dá a composição dos acervos nas instituições (consideradas como entidades produtoras e custodiadoras) em relação à construção de suas próprias memórias (segundo as tipologias de cada Museu). Dependendo da temática, haverá a necessidade de pesquisa e informação por parte dos profissionais que trabalham com as coleções, haja vista um maior envolvimento em torno da Musealização dos objetos (especialmente nas atividades ligadas ao processo de pesquisa dos acervos), através do contexto e de suas informações intrínsecas e extrínsecas (Bottallo, 2010).

Por meio dessa informação coletada e analisada, também será necessário agregar os elementos ligados à preservação (que envolve as ações de conservação, acondicionamento e salvaguarda), uma vez que os bens passarão, a partir do momento que adentrarem no Museu, a fazer parte do acervo.

A Figura 5 a seguir evidencia as ligações existentes por intermédio da etapa de aquisição e das informações extrínsecas.

Figura 5 – Aquisição no Ciclo da Informação (Etapa 03)



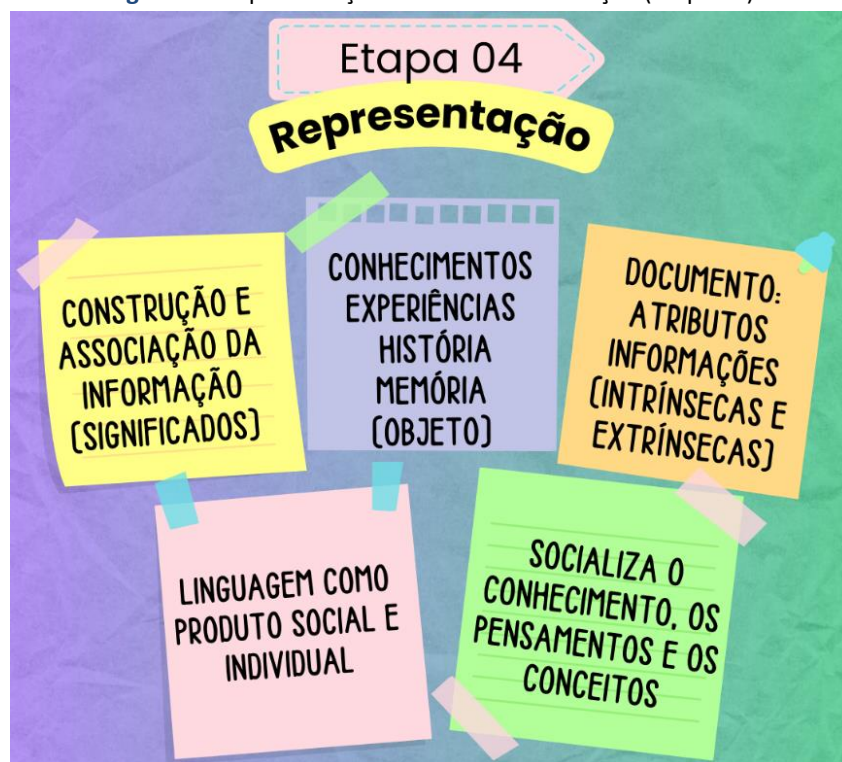
Elaborado pelo autor (2025)

Na etapa 04 (Representação) há o processo de “organização da memória documentária”, que visa associar a informação e seus significados ao universo da representação da informação e do conhecimento. É nessa fase do Ciclo que haverá a construção e o registro dos conhecimentos, considerando as experiências adquiridas ao longo das etapas anteriores. Ao colocar o objeto do Museu em evidência, sua representação será indicada através dos documentos (mediante o estudo das suas características, estruturas, atributos, especificidades, diversidades e informações intrínsecas e extrínsecas), perfazendo assim um elo entre a história e a memória desse bem cultural ao longo de sua trajetória (Ferrez, 1994; Lima; Alvares, 2012; Padilha, 2014; 2021).

A linguagem torna-se essencial nessa atividade, já que por meio dela há uma socialização do conhecimento, pensamentos e conceitos de uma realidade, na qual se enquadra como um produto pertencente ao campo social e individual das pessoas.

A Figura 6 a seguir declara o encadeamento da informação extrínseca com a organização e representação da memória.

Figura 6 – Representação no Ciclo da Informação (Etapa 04)



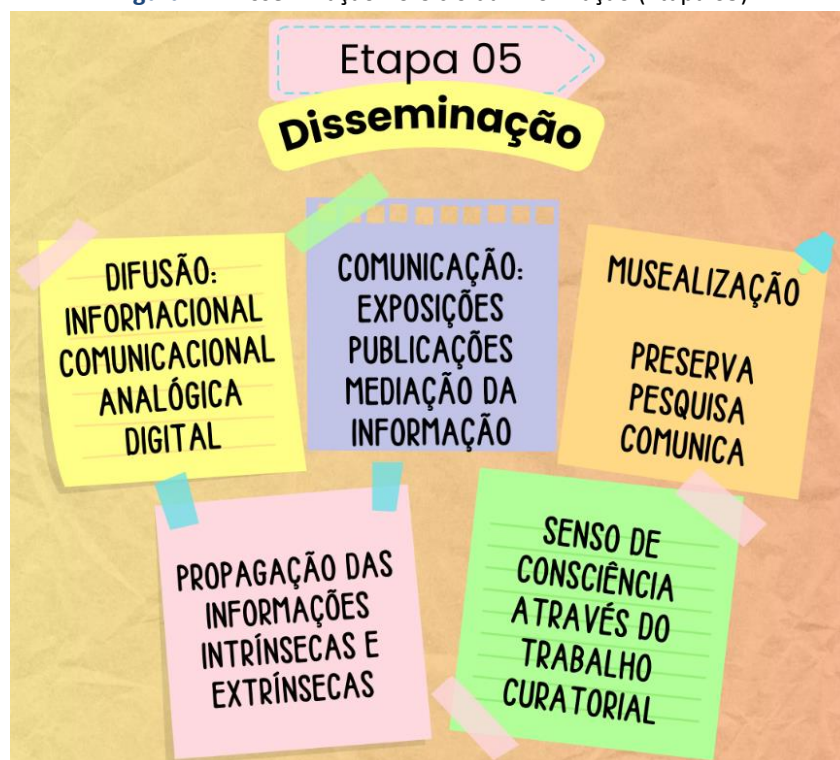
Elaborado pelo autor (2025)

Na etapa 05 (Disseminação) assenta-se a difusão das informações, imbricada com os conhecimentos obtidos no decorrer dos processos (tanto informacionais quanto comunicacionais, de forma analógica e digital) que estão relacionados ao museu. A ação envolvida na comunicação ocorre por meio das exposições, pelo trabalho de mediação da informação (através das atividades educativas e culturais), assim como das publicações que tratam sobre o acervo da instituição (Patrimônio Cultural revelado por meio dos catálogos), por exemplo (Camargo-Moro, 1986; Pinheiro, 2008; Bottallo, 2010; Desvallées; Mairesse, 2013). No Museu Victor Meirelles, uma das formas que esse trabalho ocorre se dá por intermédio das exposições temporárias e de longa duração.

É salutar destacar o processo de Musealização dos objetos, pois a comunicação (em estado amplo) envolve esse conjunto de ações aqui mencionadas. A propagação das informações intrínsecas e extrínsecas dos objetos também contribui de modo significativo, no sentido de construir um pensar ainda mais coletivo, de conhecer para preservar os bens culturais das instituições de memória (senso de consciência e pertencimento) mediante o trabalho curatorial realizado.

A Figura 7 a seguir contextualiza as ações que envolvem o processo de disseminação, tendo em vista a usabilidade da informação extrínseca no Ciclo.

Figura 7 – Disseminação no Ciclo da Informação (Etapa 05)



Elaborado pelo autor (2025)

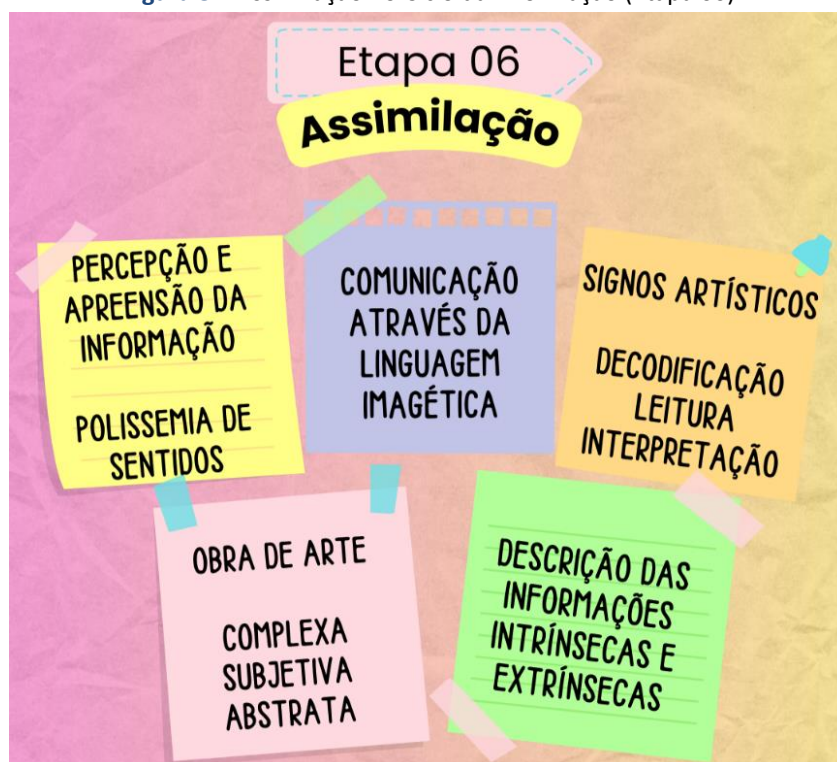
Por último, a etapa 06 (Assimilação) visa reforçar todo o processo de percepção em torno da informação, haja vista o caráter polissêmico que apresenta no contexto do qual faz parte. Para chegar a essa fase do Ciclo, a informação já perpassou em outros processos, sendo substancialmente produzida, registrada, selecionada, representada e disseminada. No que tange ao trabalho de pintura artística, mais precisamente à Linguagem imagética como uma forma de comunicação, evidencia-se a importância da assimilação que cada pessoa faz sobre o conteúdo da imagem, em especial aos conhecimentos prévios relacionados com os signos artísticos das obras (decodificação – leitura – interpretação), por exemplo (Lima, 2000; Pinheiro, 2008; Maimone, 2020). Esse contato das pessoas com as obras do Museu Victor Meirelles traz consigo uma sinergia, principalmente na apropriação da informação acerca da vida e obra do artista.

Por meio do Código visual que as imagens apresentam em seu conteúdo, haverá uma representação da informação entre a assimilação e a própria linguagem (descrição das

informações intrínsecas e extrínsecas dos objetos), propiciando que esse conhecimento seja captado e também agregado ao saber das pessoas. Em razão da obra de arte ser complexa e subjetiva (relacionado aos seus níveis de abstração), ter uma capacidade de apreensão/assimilação da informação e de seus significados é fundamental ao processo.

Na Figura 8 a seguir, indica-se a analogia referente à etapa de assimilação no Ciclo, levando em conta a informação extrínseca dos objetos.

Figura 8 – Assimilação no Ciclo da Informação (Etapa 06)



Elaborado pelo autor (2025)

Salienta-se que por intermédio da Documentação museológica e do Processo de Curadoria por exemplo, é possível ampliar as possibilidades de leitura e de pesquisa nas instituições, sobretudo ao conhecimento científico da área, potencializando ainda mais o diálogo entre as comunidades interessadas e os acervos do museu. Outra estratégia que também agrega valor e conhecimento se dá com o aporte da historiografia, essencialmente sobre o contexto artístico diante das obras produzidas por Victor Meirelles de Lima, na qual se focaliza, impulsiona e enaltece novos discursos em face da contextualização simbólica, sociocultural e sócio-histórica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reitera-se que os museus são espaços de educação multiculturais, pois têm a função de colecionar, expor, pesquisar, interpretar, comunicar e preservar a informação dos objetos, permeando essa socialização de conhecimentos para além do tempo e das diferentes culturas de uma sociedade. Em razão de sua amplitude social, nesses espaços também há uma produção, transmissão e disseminação do aprendizado intelectual, fazendo com que esse conhecimento esteja acessível a todas as pessoas de forma democrática e com a devida equidade.

É nesse contexto que a Museologia se fortalece na sociedade contemporânea, identificando suas referências culturais e preservacionistas em relação ao processo de transformação da herança cultural, externalizado nas ações curatoriais e comunicacionais dos acervos institucionais.

Sabe-se que as atividades de pesquisa acerca dos objetos são basilares, uma vez que ampliam o saber e também colaboram de forma exponencial com o processo educativo nos museus. Entretanto é necessário que ocorram problematizações, questionamentos e análises sobre aquilo que é pesquisado em cada etapa, pois as ações de coleta, pesquisa, documentação, conservação, exposição, divulgação e disseminação dos acervos carecem de constantes reflexões sobre o seu próprio fazer.

Dessa maneira destaca-se a potência advinda por meio da Curadoria dos acervos museológicos, pelo fato de oportunizar a democratização sobre a participação da sociedade civil, tendo em vista as características, as especificidades e as diversidades de objetos que estão representados nas instituições. Através desse trabalho curatorial é que haverá uma relação de valores e significados, contribuindo, igualmente, para “[...] que reconheça o inter-relacionamento dos objetos, pessoas e sociedade, e expressem essa relação em contextos sociais e culturais” (Granato; Santos, 2008, p. 115).

Ao fazer a proposição deste estudo, que articulou as etapas do Ciclo da informação com os processos relacionados à informação e comunicação no Museu Victor Meirelles, foi possível constatar a relevância dos contextos socioculturais e sócio-históricos ligado aos objetos, no sentido de facultar, agregar, expandir, promover e favorecer ainda mais o diálogo dos públicos na instituição. Além disso, a comunicação nas unidades de informação é de suma relevância, já que o papel exercido pelos profissionais se soma na informação prestada aos sujeitos, ao mesmo tempo em que a aproxima deles, pois estarão envolvidos por essas práticas de representação ao conhecimento.

Esse processo de apropriação da informação potencializará, de maneira crítica e consciente, o protagonismo dos sujeitos, fazendo com que eles sejam capazes de observar, refletir e atuar nos museus, respeitando assim as opiniões, as expressões e o próprio senso de liberdade nesse espaço que é, acima de tudo, coletivo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da Informação: um conceito atualizado. *In*: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José da (Org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015.

BOTTALLO, Marilúcia. Diretrizes em documentação museológica. *In*: ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE AMIGOS DO MUSEU CASA DE PORTINARI. **Documentação e conservação de acervos museológicos**: diretrizes. Brodowski: Associação Cultural de Amigos do Museu Casa De Portinari; São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 2010. p. 48-79. Disponível em: https://www.sisemsp.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Documentacao_Conservacao_Acervos_Museologicos.pdf. Acesso em: 05 fev. 2025.

BRITTO, Clovis Carvalho. Apresentação: Os museus e o campo da informação. *In*: BRITTO, Clovis Carvalho (Org.). **Os museus e o campo da informação**: processos museais, Museologia e Ciência da Informação. São Paulo: Abecin Editora, 2023.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Definição de Curadoria: os caminhos do enquadramento, tratamento e extroversão da herança patrimonial. *In*: JULIÃO, Letícia; BITTENCOURT, José Neves (Org.). **Caderno de Diretrizes Museológicas 2**. Mediação em Museus: curadorias, exposições, ação educativa. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008.

CAMARGO-MORO, Fernanda de. **Museu**: aquisição-documentação. Rio de Janeiro: Livraria Eça, 1986.

CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação Museológica. *In*: BRASIL. Ministério da Cultura. **Caderno de Diretrizes Museológicas**. 2. ed. Brasília, 2006.

CASTRO, Ana Lúcia Siaines de. Informação museológica: uma proposição teórica a partir da Ciência da Informação. *In*: PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro (Org.). **Ciência da Informação, Ciências Sociais e Interdisciplinaridade**. Brasília; Rio de Janeiro: IBICT, 1999.

CERAVOLO, Suely Moraes. Anotações historiográficas e outras considerações sobre documentação em museus. *In*: BRITTO, Clovis Carvalho (Org.). **Os museus e o campo da informação**: processos museais, Museologia e Ciência da Informação. São Paulo: Abecin Editora, 2023.

CERAVOLO, Suely Moares; TÁLAMO, Maria de Fátima. Os museus e a representação do conhecimento: uma retrospectiva sobre a documentação em museus e o processamento da informação. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 8., 2007, Salvador. **Anais** [...] Salvador: ANCIB, 2007. Disponível em: <http://enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT2--012.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2025.

CURY, Marília Xavier. Museu, Filho de Orfeu, e a musealização. *In: ICOFOM LAM 99: ENCONTRO REGIONAL MUSEOLOGIA, FILOSOFIA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE*, 8., 1999, Coro. **Documentos de Trabalho**. Coro, 1999. p. 50-55.

CURY, Marília Xavier. **Exposição**: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2005.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Ed.). **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.

DODEBEI, Vera Lúcia Doyle. **Tesouro**: linguagem de representação da memória documentária. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2002.

DODEBEI, Vera. Memória e conhecimento: oralidade, visualidade e reprodutibilidade no fluxo da informação. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 10., 2009, João Pessoa. **Anais** [...] João Pessoa: UFPB, 2009. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/172083>. Acesso em: 05 fev. 2025.

FERNANDES, Pedro Onofre. Economia da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 20, n. 2, p. 165-168, jul./dez. 1991. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/19864>. Acesso em: 05 fev. 2025.

FERREZ, Helena Dodd. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. **Cadernos de Ensaio n. 2**: Estudos de Museologia, Rio de Janeiro, p. 65-74, 1994.

FRANZ, Teresinha Sueli. **Educação para a compreensão da arte**: Museu Victor Meirelles. Florianópolis: Insular, 2001.

FRANZ, Teresinha Sueli. **Victor Meirelles**: biografia e legado artístico. Florianópolis: Caminho de Dentro, 2014.

GOMES, Henriette Ferreira. Mediação da informação e suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política: um fundamento da Ciência da Informação em favor do protagonismo social. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 30, n. 4, p. 1-23, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/57047>. Acesso em: 05 fev. 2025.

GONÇALVES, Yacy-Ara Froner. **Os domínios da memória**: um estudo sobre a construção do pensamento preservacionista nos campi da Museologia, Arqueologia e Ciência da Conservação. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001205391>. Acesso em: 05 fev. 2025.

GRANATO, Marcus; SANTOS, Cláudia Penha dos. Em torno da curadoria de acervos museológicos, poucas (mas úteis) considerações. *In*: JULIÃO, Letícia; BITTENCOURT, José Neves (Org.). **Caderno de Diretrizes Museológicas 2**. Mediação em Museus: curadorias, exposições, ação educativa. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Tradução de Maria Yêda F. S. de Filgueiras Gomes. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Acervos artísticos e informação: modelo estrutural para pesquisas em artes plásticas. *In*: PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; GONZÁLEZ DE GOMEZ, Maria Nélida (Org.). **Interdiscursos da Ciência da Informação**: arte, museu e imagem. Rio de Janeiro; Brasília: IBICT/DEP/DDI, 2000. p. 17-40. Disponível em: <https://livroaberto.ibict.br/handle/1/443>. Acesso em: 05 fev. 2025.

LIMA, José Leonardo Oliveira; ALVARES, Lillian. Organização e representação da informação e do conhecimento. *In*: ALVARES, Lillian (Org.). **Organização da informação e do conhecimento**: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações. São Paulo: B4 Editores, 2012.

LOUREIRO, José Mauro Matheus. A Documentação e suas diversas abordagens: esboço acerca da unidade museológica. *In*: GRANATO, Marcus; SANTOS, Claudia Penha dos; LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus (Org.). **Documentação em Museus**. Museu de Astronomia e Ciências Afins. Rio de Janeiro: MAST Colloquia, 2008. v. 10. p. 24-30.

LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus. Preservação *in situ* X *ex situ*: reflexões sobre um falso dilema. *In*: SEMINARIO IBEROAMERICANO DE INVESTIGACIÓN EM MUSEOLOGÍA (SIAM), 3., 2012, Madrid. SIAM – Serie de Investigación Iberoamericana en Museología. **Anais [...]** Madrid: Universidad Autónoma de Madrid, 2012. v. 7. p. 203-213. Disponível em: https://repositorio.uam.es/bitstream/handle/10486/11607/57448_16.pdf?sequence=1. Acesso em: 05 fev. 2025.

LOUVISI, Victor Pinheiro. **Organização da informação de coleções musealizadas**. Dissertação (Mestrado em Ciência da informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-9UFNTM>. Acesso em: 05 fev. 2025.

MAIMONE, Giovana Deliberali. **Estudo do tratamento informacional de imagens artístico-pictóricas**: cenário paulista – análises e propostas. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Pontifica Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: <https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/handle/123456789/14699>. Acesso em: 05 fev. 2025.

MAIMONE, Giovana Deliberali. Representação de Imagens e Significação da Informação. *In*: MOREIRA, Luciana de Albuquerque; SOUZA, Jacqueline Aparecida de; TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho (Org.). **Informação na sociedade contemporânea**. Florianópolis, SC: Rocha Gráfica e Editora, 2020. (Selo Nyota).

McGARRY, Kevin. **O contexto dinâmico da informação: uma análise introdutória**. Brasília: Briquet Lemos, 1999.

MORAES, Julia Nolasco Leitão de. **Museu Victor Meirelles: dossiê educativo**. Florianópolis: [s.n.], 2009.

MORESI, Eduardo Amadeu Dutra. Delineando o valor do sistema de informação de uma organização. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 1, p. 14-24, jan. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/pzj7MLqJc6jX5zHLxH5PFwq/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 05 fev. 2025.

PADILHA, Renata Cardozo. Documentação museológica e gestão de acervo. **Coleção Estudos Museológicos**, Florianópolis, 2014. v. 2. 71 p.

PADILHA, Renata Cardozo. A representação do objeto museológico pela ótica da reprodutibilidade técnica. In: AMORIM, Igor Soares; SALES, Rodrigo de (Org.). **Ensaaios em Organização do Conhecimento**. Florianópolis: UDESC, 2021. p. 125-139. Disponível em: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000084/000084d4.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2025.

PAIVA, William Adão Ferreira; PADILHA, Renata Cardozo. Aproximações conceituais sobre a mediação da informação e os serviços prestados no Museu Victor Meirelles. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.18, n. 2, p. 1-20, ago. 2022. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1798/1355>. Acesso em: 05 fev. 2025.

PANISSET, Ana Martins. A documentação como ferramenta de preservação: o conhecimento é o princípio da proteção. In: INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS. **Patrimônio em textos**. Belo Horizonte, 2012.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Itinerários epistemológicos da instituição e constituição da Informação em Arte no campo interdisciplinar da Museologia e da Ciência da Informação. **Revista Museologia e Patrimônio**, v. 1, n. 1, p. 09-17, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/3/17>. Acesso em: 05 fev. 2025.

RÚSSIO, Waldisa. Cultura, patrimônio e preservação. In: ARANTES, Antonio Augusto (Org.). **Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural**. São Paulo: Editora Brasiliense, p. 59-78, 1984.

RÚSSIO, Waldisa. A interdisciplinaridade em Museologia (1981). In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus. Secretaria de Estado da Cultura: Pinacoteca do Estado de São Paulo, v. 1, p.123-126, 2010.

SMIT, Johanna Wilhelmina. **O que é documentação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

STRÁNSKÝ, Zbyněk Zbyslav. **Múzejnictvo v relácii teórie a praxe**. Múzeum, roč. XV, n. 3, p. 173-183, 1970.

TURAZZI, Maria Inez (Org.). **Victor Meirelles: novas leituras**/Lourdes Rossetto (Coord.) – Florianópolis-SC: Museu Victor Meirelles/IBRAM/MinC; São Paulo: Studio Nobel, 2009.

VASCONCELOS, Mara Lúcia Carrett de. Um acervo arqueológico no museu de arte: o Museu Victor Meirelles e a coleção da Casa Natal. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 12, n. 24, p. 192-204, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/49489>. Acesso em: 05 fev. 2025.

VEIGA, Eliane Veras da. **Florianópolis: memória urbana**. 2. ed. rev. e ampl. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 2008.

VOGEL, Daisi. A metamorfose do sobrado da rua do Açougue em um museu de grandeza histórica. In: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Brasil. **Museu Victor Meirelles – 50 anos; catálogo de obras**. Textos Alcídio Mafra de Sousa, Daisi Vogel e Regis Mallmann. Apres. Dalmo Vieira Filho e Lourdes Rossetto. Florianópolis: Tempo Editorial, 2002.

YASSUDA, Sílvia Nathaly. **Documentação museológica: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/c831e2af-6184-4eda-98c8-8bc5f5aae032>. Acesso em: 05 fev. 2025.

ⁱ Resumo do currículo: Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Especialista em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e o Mundo do Trabalho, em Ciências da Natureza, suas Tecnologias e o Mundo do Trabalho e em Linguagens, suas Tecnologias e o Mundo do Trabalho pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Especialista em Gestão de Projetos pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR) e Bacharel em Arquivologia pela FURG. Membro do Grupo de Pesquisa do CNPq Representação e Organização do Conhecimento (ROC/UFSC). Arquivista no Setor de Arquivo Funcional da UFSC. E-mail: william.paiva@ufsc.br. *Brief resume: PhD in Information Science from the Federal University of Santa Catarina (UFSC). Master's degree in History from the Federal University of Rio Grande (FURG). Specialist in Applied Human and Social Sciences and the World of Work; Natural Sciences, their Technologies and the World of Work; and Languages, their Technologies and the World of Work, all from the Federal University of Piauí (UFPI). Specialist in Project Management from the University of Northern Paraná (UNOPAR) and Bachelor's degree in Archival Science from FURG.*

ⁱⁱ Resumo do currículo: Doutora e Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Bacharel em Museologia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Professora Adjunta do Curso de Graduação em Museologia da Coordenadoria Especial de Museologia (CEM) e no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PGCIN) da UFSC. Atualmente é membro do Grupo de Pesquisa do CNPq Representação e Organização do Conhecimento (ROC/UFSC). E-mail: renata.padilha@ufsc.br. *Brief resume: PhD and Master's degrees in Information Science from the Federal University of Santa Catarina (UFSC), and a Bachelor's degree in Museology from the Federal University of Pelotas (UFPel). She is an Assistant Professor in the undergraduate Museology program of the Special Coordination for Museology (CEM) and in the Graduate Program in Information Science (PGCIN) at UFSC.*